

LIBRAS NA ESCOLA: A Educação Física acontecendo através de gestos.

Anderson José de Oliveira ¹

RESUMO

O presente trabalho objetivou discutir questões vinculadas a prática do autor com a Linguagem Brasileira de Sinais em aulas de Educação Física que ocorriam em turmas do primeiro segmento do Ensino Fundamental em uma escola pública da cidade de Juiz de Fora – Minas Gerais. Foi utilizado para tal metodologia qualitativa e de caráter autoetnográfico. As discussões foram ancoradas, também, no currículo cultural da Educação Física, forma de se pensar esse componente curricular, que se baseia, dentre outros, nos estudos culturais, no decolonialismo e no multiculturalismo crítico. Os professores quando trabalham com essa perspectiva são orientados por diferentes princípios ético políticos, sendo eles: reconhecimento das identidades culturais dos estudantes, justiça curricular, descolonização do currículo, evitar o daltonismo cultural, ancoragem social dos conhecimentos, favorecimento a enunciação dos saberes discentes. Uma educação física culturalmente orientada também se caracteriza por alguns procedimentos didáticos de encaminhamentos pedagógicos, sendo eles: mapeamento, leitura, vivências, ressignificação, aprofundamento, ampliação, registro e avaliação. Durante o trabalho com libras realizado na referida escola pública foi possível sistematizar o trabalho pedagógico a partir desses procedimentos e sob a orientação dos princípios ético políticos citados. Chegou-se à compreensão de que a linguagem de sinais se constituiu em um rico instrumento de trabalho na Educação Física escolar, permitindo que diferentes assuntos pudessem ser discutidos e problematizados nas aulas.

Palavras-chave: Libras, Educação Física, Currículo Cultural.

Introdução

A Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS) passou a fazer parte de minha vida profissional logo quando comecei a lecionar. Na segunda escola que trabalhei, tive contato com uma aluna, que despertou em mim a compreensão da importância dessa linguagem na vida de crianças surdas. Dessa maneira, me envolvi com a Libras ao ponto de sistematizar um trabalho dela com a disciplina que leciono, ou seja, a Educação Física.

Antes de entrar especificamente nesta discussão convém dizer que, para escrever o presente trabalho, fiz uso de metodologia qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica e também autoetnográfica.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, andersonjfmgb@gmail.com.



Na visão de Paulilo (1999), a abordagem qualitativa é uma forma de pesquisar bastante importante em estudos que sejam essencialmente interpretativos e permite adentrar em intenções e motivos pelos quais ações e relações assumem sentidos.

No que se refere a pesquisa bibliográfica, “é importante destacar que ela é sempre realizada para fundamentar teoricamente o objeto de estudo, contribuindo com elementos que subsidiam a análise futura dos dados obtidos.” (Lima e Miotto, 2007, p.44).

Já a autoetnografia coloca em destaque a experiência do pesquisador como uma forma de geração de conhecimento. Sendo assim, o uso deste caminho metodológico fez com que eu usasse a primeira pessoa do singular para expressar aquilo que trago em meu trabalho.

A autoetnografia permite o envolvimento do pesquisador e possibilita transpor para o seu estudo as suas experiências emocionais, revelando detalhes da pesquisa. Assim, a pesquisa autoetnográfica destaca a experiência pessoal no contexto das interações sociais e práticas culturais, buscando o engajamento reflexivo por parte do pesquisador e revelando o conhecimento de dentro do fenômeno pesquisado. Podemos concluir, então, que a autoetnografia promove a reflexividade no processo de pesquisa. (Magalhães, 2018, p. 18)

Tendo em vista os instrumentos metodológicos, acima referendados, relatei, através da escrita do presente texto, momentos pedagógicos que vivenciei com a LIBRAS e, posteriormente, sistematizei esse trabalho tendo, como fundamentação, o Currículo Cultural da Educação Física.

Como tudo começou

No início de minha carreira profissional, como professor de Educação Física, lecionava para uma aluna surda que frequentava aulas na quarta série, hoje o quinto ano do ensino fundamental. A partir desse contato, busquei aprender um pouco sobre como comunicar-me com outras pessoas através da Libras² (Linguagem Brasileira de Sinais). Nesse primeiro momento havia uma dificuldade de interação com essa estudante pelo fato de a família não aceitar que ela se comunicasse através de Libras. A fala recorrente de

² Usei no decorrer do texto Libras escrita com letras minúsculas por ser esse um uso comum dessa palavra. Tal sigla diz respeito a uma língua de modalidade gestual/ visual que permite a comunicação por gestos, expressões faciais e corporais. (Disponível em <https://www.libras.com.br/o-que-significa-libras>. Acesso em 28.12.2023.



sua mãe era: “minha filha não é deficiente, não precisa usar as mãos para falar com as outras pessoas”.

Fazendo cursos e conversando com indivíduos surdos, pude entender que essa aluna teria sérias dificuldades em sua aprendizagem se não pudesse se comunicar através da linguagem de sinais. Tal fato já estava acontecendo com essa estudante, pois estava enfrentado grandes dificuldades nos conteúdos que estavam sendo trabalhados com ela no ambiente escolar.

Em um outro momento de minha prática profissional, em outra instituição de ensino, pude ter contato com outra estudante do oitavo ano do ensino fundamental. Ela possuía fluência em Libras. Trocamos informações e materiais, ganhei dela um livro específico da Igreja que frequentava que versava sobre a linguagem dos surdos e, nesse período, participei de um curso de formação que durou aproximadamente um ano.

A partir dessas experiências me aproximei dessa linguagem e conseguia comunicar-me, mesmo que de forma básica, com pessoas surdas. Passados alguns anos dessa experiência, enfrentei uma infecção forte nas cordas vocais. Tirei alguns dias de licença, mas voltei para escola com a voz bastante comprometida. Passei então a comunicar-me com os alunos usando de alguns sinais de Libras para questões básicas da escola como pedir para os alunos saírem ou entrarem na sala de aula, beberem água, irem no banheiro e também quando precisava chamar os alunos para conversarmos, quando eles estavam longe de mim durante a aula.

Os alunos mostraram-se interessados pela Libras e a partir desse momento, mesmo eu estando com minha voz melhor, começamos a usar mais essa linguagem durante as aulas, fazendo inclusive, um bimestre inteiro de atividades misturando jogos e brincadeiras com a Linguagem Brasileira de Sinais. Já tínhamos vivenciado inúmeras brincadeiras na escola e começamos a pensar nessas brincadeiras adaptadas para serem realizadas através de comunicações entre os seus participantes que aconteciam apenas através de sinais. Eu era, na época, assessorado por uma intérprete que me orientava em questões relacionadas a essa linguagem. Tal experiência aconteceu em um momento anterior a Pandemia da Covid 19. Foram muitos casos interessantes nesse trabalho, no entanto, destaco apenas um deles.

Um dos meus alunos, almoçando em um restaurante com a família, visualizou um surdo que entrou no ambiente em que eles estavam. Segundo ele, o homem aparentava



estar nervoso e ninguém sabia como conversar com ele. Então esse aluno chegou próximo a eles e fez alguns sinais de Libras que ele conhecia, dentre eles, o sinal que significava banheiro. O homem então fez um sinal positivo com a cabeça e esse aluno falou com as pessoas que estavam ali que ele só queria ir no banheiro. Ele foi ao banheiro, agradeceu e foi embora do restaurante. O meu aluno chegou na escola super feliz de poder ter ajudado essa pessoa.

Nesse momento da minha vida profissional ainda não tinha contato com a Educação Física cultural. Meu contato inicial com ela foi em 2019 através do Grupo de Estudos Educação Física Linguagem e Cultura (GEFLIC) vinculado a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Comecei a me inteirar sobre essa forma de pensar a Educação Física no universo escolar nesse momento. Em 2020 e 2021 vivemos um momento difícil nas escolas brasileiras devido a pandemia da Covid 19. Passamos esses dois anos nos adaptando ao ensino remoto e tendo que lidar com uma série de complicadores para lecionarmos: despreparo das instituições de ensino de lidar com o ensino remoto, falta de acesso dos alunos das escolas públicas a aparelhos e tecnologia que os possibilitasse de frequentar as aulas, professores estressados tendo que usar os próprios recursos pessoais e tecnológicos para continuar dando aula. Foi um período que, mesmo mantendo os estudos através de leituras e reuniões online com meus grupos de pesquisa, não consegui sistematizar um trabalho com a Educação Física Cultural.

Em 2022 iniciamos o ano letivo através do ensino presencial. Foi necessário nos adaptarmos a uma realidade em que os alunos possuíam dificuldade de interagir uns com os outros, quadros depressivos entre os alunos e também professores. Nesse turbilhão de “emoções” continuei meus estudos sobre a Educação Física Cultural através de leituras diversas e em julho de 2022 fiz um curso na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora com o professor Marcos Garcia Neira.

Após esse curso me senti mais seguro para colocar em ação/ desenvolver/ artistar o currículo cultural em minhas aulas, então me organizei para isso. Fiz, dessa maneira, um planejamento para um trabalho com LIBRAS em minhas aulas de Educação Física tendo em vista o currículo cultural como fundo. No entanto, antes de entrar nas experiências realizadas por mim, considero importante trazer algumas teorizações sobre esse currículo.



O Currículo Cultural se fundamenta, dentre outros, nos estudos decoloniais, no multiculturalismo crítico e também nos estudos culturais, para o trato do conhecimento relacionado à cultura corporal.³

Segundo Neira (2019) no que se refere a teorização decolonial destaca-se as relações de poder entre nações que levam a difusão de narrativas que colocam o diferente como estranho como também exótico. O pós-colonialismo faz uma dupla análise dos discursos sob os olhos do dominante e também do dominado.

Já no multiculturalismo tanto a diferença como aquilo que define as pessoas como seres humanos resultam das relações de poder. Em uma proposta pedagógica de inspiração multicultural crítica, o respeito e a tolerância provém de um entendimento de como as relações de poder atuam na produção das diferenças. Existe também uma análise das relações assimétricas que produzem a diferença, sendo esta última questionada constantemente. Dessa maneira,

um currículo de Educação Física que se deixa inspirar pelo multiculturalismo crítico, além de incluir o estudo das manifestações pertencentes aos grupos posicionados em desvantagem, promove uma reflexão acerca do modo como se produzem e disseminam os discursos pejorativos sobre elas e seus participantes, ou seja, como se instituem as diferenças. Afinal, o questionamento da cultura corporal dominante exige atividades que investiguem os mecanismos de regulação e elaboração dos significados. (NEIRA, 2019, p. 35-36)

No que se refere aos Estudos Culturais, eles são um instrumento para compreender a atualidade e têm, como objeto principal, as relações entre cultura contemporânea e sociedade. Analisando do ponto de vista político existe a busca em edificar um projeto de transformação social. Já no campo teórico os estudos culturais pretendem formar um novo campo conceitual interdisciplinar e envolvido com a análise das práticas corporais, levando em consideração a sua relação com e no interior das relações de poder (Nelson; Treichler; Grossberg, 2008, citados por Neira, 2019).

Os estudos culturais enxergam a pedagogia de uma maneira diferente, sendo ela compreendida como artefato cultural. Uma determinada proposta de ensino é uma arena de disputas vinculadas à significação e a identidade, através das quais distintos grupos buscam prevalecer sua hegemonia. Os estudos culturais estimulam os docentes a uma

³ As discussões sobre o currículo cultural estão contidas na tese de doutorado do autor. Disponível em <https://repositorio.ufff.br/jspui/handle/ufff/16988> . Acesso em 03.03.2025



nova forma de conceber as práticas corporais não privilegiando uma fonte em relação a outra.

Nesse raciocínio, é primordial que os estudantes entendam que os discursos em circulação são fortemente influenciados por relações de poder. Nenhuma brincadeira, dança, luta, esporte ou ginástica é essencialmente boa ou ruim, feminina ou masculina, adequada ou inadequada. Qualquer representação anunciada precisa ser interrogada e desnaturalizada. (Neira, 2019, p. 37)

O fato de uma modalidade esportiva ser produzida discursivamente como feminina ou masculina não acontece despretensiosamente. Pode acontecer também de uma determinada dança popular ser afastada de suas origens e posteriormente ser elitizada. O que define a posição dessas práticas corporais acima mencionadas não é algo específico delas, mas sim o resultado de ações e discursos que tornam legítimo determinado significado que atende aos interesses dos mais poderosos. “Compreender a cultura corporal como um território de disputa implica planejar atividades de ensino que identifiquem a quem interessa a disseminação de uma determinada maneira de significar as práticas corporais e seus participantes.” (Neira, 2019, p. 39).

Outro ponto a ser destacado na Educação Física Cultural é que os professores são agenciados por alguns princípios ético-políticos. Estes serão expostos, logo a seguir, a partir de Müller e Neira (2022), dialogando com Neira (2020).

- Reconhecimento das identidades culturais dos estudantes: valorização das raízes da comunidade em que se encontra a escola, fazendo, dessa maneira, que sejam tematizadas as práticas corporais dos grupos de origem e a que pertencem esses alunos.
- Justiça Curricular: equilibrar o tratamento destinado as práticas corporais advindas de distintos grupos presentes na sociedade, não privilegiando o conhecimento de um grupo em detrimento ao outro.
- Descolonização do currículo: os grupos subalternizados devem ter suas práticas corporais tematizadas. Isso faz com que os alunos possam perceber como essas práticas corporais são silenciadas.



- Evitar o daltonismo cultural: considerar a heterogeneidade dentre os estudantes, acontecendo assim, os respondem de maneira diferenciada em relação a uma mesma atividade realizada por eles.
- Ancoragem social dos conhecimentos: é necessário que a prática corporal tenha uma ocorrência social e que seus fundamentos históricos e políticos recebam a devida análise.
- Favorecimento à enunciação dos saberes discentes: faz com que os professores estimulem o posicionamento dos estudantes, trazendo-os para os conteúdos que estão sendo vivenciados.

A didática do currículo cultural, segundo Neira (2019) se caracteriza por alguns procedimentos didáticos de encaminhamentos pedagógicos, sendo eles: mapeamento, leitura, vivências, ressignificação, aprofundamento, ampliação, registro e avaliação.

- Mapeamento: é a escrita possível a respeito das práticas corporais, sujeitos, condições do bairro, marcadores identitários, significados produzidos na e pela comunidade, fronteiras culturais, afetos que circulam etc. O mapeamento acontece o tempo todo do trabalho pedagógico com a temática que está sendo abordada e não somente no início do trabalho pedagógico.
- Leitura: É nesse momento em que os alunos, a partir de diferentes ângulos, analisam a prática corporal no que se refere ao seu formato, participantes, recursos necessários, posição que ocupa no tecido social etc.
- Vivências: Os momentos de vivência estão relacionados a pura expressão da gestualidade advinda das referências que os alunos possuem em relação ao que está sendo tematizado. O aspecto central aqui é que o aluno faça a partir daquilo que já fez ou da forma que ache que deva ser feito.
- Ressignificação: está relacionada a atribuição de novos significados a determinada manifestação gerada em um certo contexto a partir da própria experiência cultural.
- Aprofundamento: falando de uma maneira simplificada, o aprofundamento é um conjunto de ações que o professor pode realizar para apresentar, disponibilizar, fazer circular conhecimentos que possibilitam o aluno



compreender melhor o que está sendo tematizado. Esse processo é regulado pelo professor.

- Ampliação: em suma, nas atividades de ampliação, não há a regulação direta por parte do professor dos significados da prática corporal acessados pelos estudantes. Pode ser uma saída pedagógica, uma investigação livre na internet por parte dos alunos, entrevistas feitas pelos estudantes e realizadas na comunidade em que está situada a escola, recepção de convidados.
- Registro: refere-se à anotação das observações e reflexões daquilo que aconteceu durante a aula. Esse processo, em especial as falas e postura dos alunos, permite reunir informações para a realização da avaliação
- Avaliação: A partir da análise de filmagens, anotações realizadas, gravações em áudio, recolhimento de exemplares de desenhos produzidos pelos estudantes, dentre outros materiais, é subsidiada a reflexão a respeito da prática educativa, permitindo inclusive, a observação de indícios dos acertos e equívocos cometidos durante as aulas.⁴

A Educação Física a partir do Currículo Cultural valoriza todas as manifestações da cultura corporal na escola, do erudito ao popular, não tomando uma posição a favor das práticas euro-estadunidenses, algo muito comum nas escolas brasileiras.

Tendo em vista os princípios ético políticos acima referendados e também com os procedimentos didático pedagógicos em mente, reestruturei o trabalho que estava realizando em uma das minhas turmas, passando a tematizar a Linguagem Brasileira de Sinais de uma maneira nova. Nela havia a presença de um aluno surdo. Esse aluno ainda estava em processo de aprendizagem em relação à Linguagem de Sinais. Ele contava com uma intérprete que o acompanhava em todas as aulas. Comecei essa tematização na última semana do mês de julho, estendendo-a até a primeira semana do mês de setembro, quando tive que interrompê-la, devido a uma cirurgia que tive que fazer. Apesar do curto período

⁴ Existe também no currículo cultural um tempo destinado a problematização. Essa está relacionada ao “destrinchar, escrutinar e desfamiliarizar o que está estabelecido. É o enfrentamento das representações dominantes que permite compreender não só a manifestação em si, como também os sujeitos que a produzem e reproduzem. (NEIRA, 2019, p. 64). As representações tidas como naturais ou inevitáveis são questionadas. A problematização pode estar em todas as situações didáticas.



de realização das aulas, foi um momento riquíssimo nas discussões que realizamos e nas experiências que vivenciamos. Esse período de tempo foi composto de aproximadamente 7 semanas de aulas, ou seja de 14 módulos aula de 50 minutos.

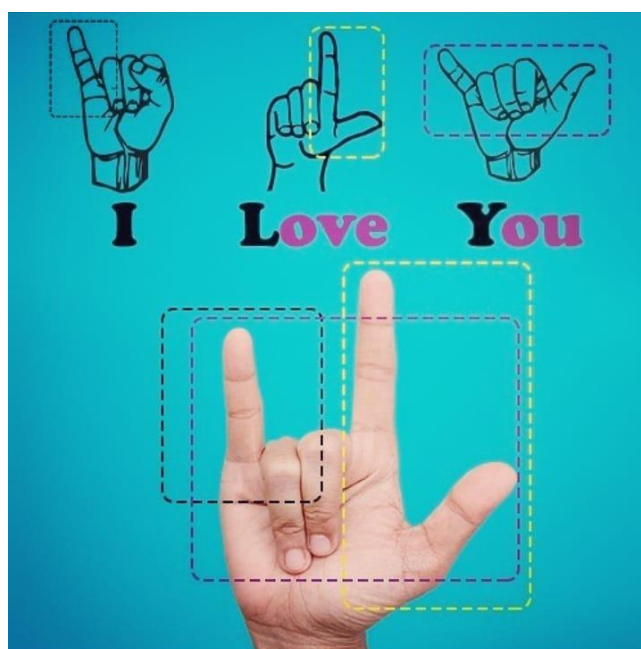
Nesse período de tempo, inicialmente, fiz um mapeamento, através de rodas de conversa na qual dialogamos sobre o que seria Libras e qual o conhecimento dos alunos em relação a ela. Surgiram respostas tais como: “é a linguagem dos surdos”; “é o jeito de falar com o Kaique⁵”; “usa as mãos para falar”; “faz umas caras diferentes e movimentos com as mãos e braços” dentre outras respostas. Os alunos disseram também que é necessário respeitar as pessoas com deficiência, que as pessoas não devem ser tratadas de uma forma diferente só porque possuem um “jeito diferente”. Vários alunos, cada um à sua maneira, disseram que é importante respeitar as pessoas, ou seja, respeitar as diferenças.

Depois dessa conversa inicial, assistimos vídeos que continham pessoas conversando através da linguagem de sinais assim como músicas sendo interpretadas. Conversamos também com a intérprete, que mostrou para os alunos alguns sinais de uso cotidiano como beber água, ir ao banheiro, estudar, dentre outros. Um dos alunos fez um sinal que significa, segundo ele, “I love you”⁶ ou seja, eu amo você.

⁵ Usei um nome fictício para o referido aluno.

⁶ A imagem com o referido sinal encontra-se disponível em <https://www.facebook.com/casnatalrn/photos/voc%C3%AA-j%C3%A1-viu-algum-usu%C3%A1rio-de-libras-fazendo-esse-sinal-e-se-perguntou-o-que-sign/1704071732975450/>. Acesso em 28.12.2022.





Nesse sinal o dedo indicador, o dedo mínimo e o dedo polegar ficam levantados enquanto o dedo médio e anelar ficam dobrados. Ele disse que viu esse sinal na televisão. Logo após ele realizar o sinal um outro estudante o relacionou com algo vinculado ao “diabo” que aquilo não era coisa de Deus. A partir desse momento conversamos e eu disse que a linguagem de sinais não era a mesma em todo o mundo. Cada país usa essa linguagem de uma maneira específica. Então os surdos de outros países com França, Argentina, Estados Unidos não se comunicam através dos mesmos sinais. Levei, também, uma imagem mostrando a origem desse sinal. Expliquei inclusive que, dentro do Brasil, em diferentes cidades existem sinais que são típicos daquela região. Falei com ele que apesar disso eu não tinha encontrado uma relação direta desse sinal acima referendado com coisas relacionadas ao diabo. Pensei, nesse momento, que tal discussão adentraria por algumas aulas, mas isso não aconteceu.

Após esse momento inicial, vivenciamos algumas brincadeiras que os alunos conheciam e que tinham sido realizadas em outras aulas de Educação Física. Além daquilo que os alunos já sabiam em relação a essas brincadeiras havia também algo que perpassava por todas elas – os alunos não podiam se comunicar usando a voz. Eles deveriam falar com os seus colegas usando gestos. Pedi aos estudantes que usassem aquilo que conheciam sobre Libras ou gestos que pudessem fazer com que os seus colegas identificassem o que eles queriam dizer. Brincamos de pique bandeira, pique pega, pique parede, queimada, vivo ou morto, estátua, dentre outras atividades.



Os alunos começaram a perceber que alguns sinais deveriam ser adaptados para serem usados nas aulas. Como exemplo, cito o sinal “queimar” (expressão usada no jogo de queimada). Na Libras esse sinal está vinculado a fogo. Quando esse sinal era usado com o aluno surdo, ele não entendia do que se tratava, pois que relação poderia existir entre “fogo” e um jogo realizado com bola? Trouxemos então essa questão para uma conversa em sala de aula com a participação do discente surdo e sua intérprete e chegamos à conclusão de que usaríamos um sinal que estava relacionado a algo ter batido em você. Quando alguém era queimado o gesto que era usado para representar tal situação era uma das mãos “simulando um tapa” batendo no local onde a bola havia acertado. A partir dessa situação conversamos com os alunos que, às vezes, as palavras traduzidas para Libras precisam ser adaptadas para que os surdos compreendam o que está sendo dito. Começamos então a pensar como traduzir em gestos a comunicação que faríamos e fomos colocando tais ideias em prática durante as aulas.

Após essa tematização inicial com essa turma, existia a ideia de levar esse trabalho para os demais alunos da escola, no entanto, como disse anteriormente, precisei fazer uma cirurgia e tive que interromper o planejamento que havia feito. Retornei à escola nos últimos dias do ano escolar, mas nesse momento, devido ao fato de alguns alunos já não estarem frequentando as aulas, preferi então finalizar esse trabalho com a turma em que estava trabalhando e propor algo semelhante para as outras turmas no ano seguinte, mas acabei saindo dessa escola e tal trabalho não foi possível de ser continuado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Trabalhar com temáticas que não são usuais na Educação Física como Libras não é algo simples pois demanda de estudo, persistência e dedicação. Não existem fórmulas prontas, existe experimentação, acerto, erro e novas experimentações. Assim foi o trabalho que desenvolvi nestes anos dedicados a entender, juntos com os alunos, como funciona a LIBRAS e como é não poder contar com o recurso da audição e voz para se comunicar.

Não tive a pretensão aqui de criar fórmulas de como lecionar. Quis apenas mostrar que tal trabalho é possível, que existem caminhos diversos e em todos eles, o envolvimento e comprometimento do professor é necessário.



Entendo que a LIBRAS não é uma temática originariamente pertencente ao campo de conhecimento da Educação Física, mas é algo que pode ser levado para dentro das aulas desse componente curricular. E para encerrar, anseio que o presente texto seja um instrumento que incentive outros professores a trabalhar com a LIBRAS em seu cotidiano pedagógico.

Referências Bibliográficas

CAS - Centro de Atendimento às Pessoas com Surdez. **I Love You**. Natal, Ago., 2018. Facebook: Centro de Atendimento às Pessoas com Surdez - CAS Natal/RN. Disponível em <https://www.facebook.com/casnatalrn/photos/voc%C3%AA-j%C3%A1-viu-algum-usu%C3%A1rio-de-libras-fazendo-esse-sinal-e-se-perguntou-o-que-sign/1704071732975450/>. Acesso em 28.12.2022

CRISTIANO, Almir. O que significa Libras? **Libras**. Mar., 2020. Disponível em <https://www.libras.com.br/o-que-significa-libras>. Acesso em 28.12.2022

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál. Florianópolis** v. 10 n. esp. p. 37-45, 2007.

MAGALHAES. Célia Elisa Alves de. Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares. **Veredas Temática**. Volume 22 nº 1 - 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/issue/view/1360>. Acesso em: 28 jul. 2023.

MULLER, Artur; NEIRA, Marcos Garcia. Registro e avaliação no currículo cultural da Educação Física. In: NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari (org). **Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física**. São Paulo: FEUSP, 2022.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física Cultural: inspiração e prática pedagógica**. 2ª Ed. Jundiaí, São Paulo: Paco, 2019

NEIRA, Marcos Garcia. Arqueogenealogia, ampliação e aprofundamento no currículo cultural da Educação Física. **Youtube**. Dezembro, 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Go49k1JZqiY>. Acesso em 11.12.2022

OLIVEIRA, Anderson José de. **Dança, educação física e linguagem: a prática docente em escolas públicas e particulares da cidade de Juiz de Fora**. Orientador: Wilson Alviano Junior. 2024. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2024. Disponível em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/16988>. Acesso em 03.03.2025

PAULILO, Maria Angela Silveira. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço social em revista**, v. 2, n. 1, p. 135-145, 1999.

